

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Residência Docente

Daniella Barros Muniz da Cruz

A LITERATURA ESCREVENDO A HISTÓRIA:
proposta interdisciplinar para a formação do leitor crítico na
contemporaneidade

Rio de Janeiro

2020



Daniella Barros Muniz da Cruz

A LITERATURA ESCREVENDO A HISTÓRIA:
proposta interdisciplinar para a formação do leitor crítico na contemporaneidade

Produto Acadêmico Final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina de Língua Portuguesa

Coordenador: Rogério da Costa Neves

Orientador/Co-orientador: Marta Rodrigues Gomes
Braulio Sebastião Alves Fernandes

Campus de atuação no Colégio Pedro II: Humaitá II

Área/Disciplina: Área III/Língua portuguesa

Instituição de Origem: Pré Vestibular Comunitário Fernando Santa Cruz

Rio de Janeiro
2020

Daniella Barros Muniz da Cruz

A LITERATURA ESCREVENDO A HISTÓRIA:

Proposta interdisciplinar para a formação do leitor crítico na contemporaneidade

Produto final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____.

Professor Mestre Bráulio Sebastião Alves Fernandes (Orientador)
Colégio Pedro II

Professora Doutora Aira Suzana Ribeiro Martins
Colégio Pedro II

Professora Doutora Teresa Andrea Florêncio da Cruz
Colégio Pedro II

CATALOGAÇÃO NA FONTE

COLÉGIO PEDRO II / PROPGPEC / BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

C957 Cruz, Daniella Barros Muniz da

A literatura escrevendo a história: proposta interdisciplinar para a formação do leitor crítico na contemporaneidade / Daniella Barros Muniz da Cruz. - Rio de Janeiro, 2020.

41 f.

Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Língua Portuguesa) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Residência Docente.

Orientador: Bráulio Sebastião Alves Fernandes.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Ditadura militar - Brasil. 3. Literatura. 4. Interdisciplinaridade. I. Bráulio Sebastião Alves Fernandes. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD: 469

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva – CRB7 5692.

*Dedico esse PAF aos meus avós, falecidos,
Etaquim Cardoso da Cruz, Valdemira Muniz da Cruz, Yvone Andreolli,
aos meus pais, Christiane e Marco, que sempre estiveram ao meu lado, torcendo por mim.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus, sem *Ele* nada disso seria possível.

Em segundo lugar, as minhas estrelas que me acompanham desde o início, meus falecidos avós Etaquim Cardoso da Cruz e Valdemira Muniz da Cruz, além da minha vizinha Yvone Barros Andreolli, muito querida.

Em terceiro lugar aos meus pais, Marco Antônio e Christiane, por toda a paciência, segurança e amor durante todo o período da monografia e por toda a vida.

Em quarto lugar aos meus irmãos, Pedro e Breno Melamed, por serem a razão da minha existência e me apoiarem em tudo durante o período da monografia.

Em quinto lugar a mim mesma, porque nunca pensei que conseguiria escrever tão lindamente sobre um tema tão interessante, e à minha orientadora da vida, Marta Rodrigues por todo zelo e cuidado nas observações, obrigada por todos os ensinamentos, devo-lhe à vida, martinha, assim como ao Braulio Fernandes, por todo os zelo durante sua orientação.

Agradeço também a Teresa Cruz, meu maior exemplo de profissional, fruto de diversos anos de estudo, obrigada por aceitar o convite de compor a minha banca.

Em sexto lugar a minha amiga do peito, Karolyne Porpino, por toda a paciência durante o período e por ter me deixado confiante a ponto de não desistir quando eu mesma nem acreditava mais em mim.

Por fim, agradeço a minha família, por estarem sempre ao meu lado, obrigada mesmo.

*Também as estórias não se despreendem apenas do narrador, sim o performam: **narrar é resistir.***

(Guimarães Rosa)

RESUMO

CRUZ, Daniella Barros Muniz da. **A literatura escrevendo a história:** proposta interdisciplinar para a formação crítica na contemporaneidade. 2020. 41 f. Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Língua Portuguesa) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Residência Docente, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho pretende investigar a abordagem histórico-literária apresentada no livro *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, partindo da recepção crítica dos fragmentos no público juvenil. Buscou-se focalizar a vivência do exílio da jovem-protagonista Lena como direcionamento da consciência crítica de maneira neutra na contemporaneidade. Foi utilizado o gênero crônica, do tipo narrativa, cuja temática era justamente o período histórico apresentado nos fragmentos literários de Ana Maria Machado, a ditadura militar e a experiência do exílio voluntário dos anos 1970 em comparação com essa experiência na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura. História. Interdisciplinaridade. Exílio.

ABSTRACT

CRUZ, Daniella Barros Muniz da. **A literatura escrevendo a história:** proposta interdisciplinar para a formação do leitor crítico na contemporaneidade 2020. 41 f. Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Língua Portuguesa) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Residência Docente, Rio de Janeiro, 2020.

This work intends to investigate the historical-literary approach presented in the book *Tropical Sol da Liberdade* (1988), by Ana Maria Machado, starting from the critical reception of the fragments in the youth audience. We sought to focus on the exile of young protagonist Lena as a way of directing critical awareness in a neutral way in contemporary times. The chronic genre, of the narrative type, was used, whose theme was precisely the historical period presented in the literary fragments of Ana Maria Machado, the military dictatorship and the experience of voluntary exile in the 1970s in comparison with this experience in contemporary times.

Keywords: Literature. History. Interdisciplinarity. Exile.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	14
3. JUSTIFICATIVA.....	14
4. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	16
5. REFERENCIAIS METODOLÓGICOS.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
APÊNDICE A: PLANO DE AULA.	35
ANEXO A: PROPOSTA DE REDAÇÃO.....	36

1. INTRODUÇÃO

A temática central deste trabalho é justamente analisar de que maneira o contemporâneo, chamado também de pós-moderno, se manifesta na literatura brasileira entre as duas últimas décadas do século XX e estas duas primeiras do século XXI, tendo como perspectiva a significação dessa virada no processo de leitura do romance de Ana Maria Machado, intitulado *Tropical Sol da Liberdade* (1988), com alunos do ensino médio do Pré-Vestibular Social Fernando Santa Cruz, em uma perspectiva interdisciplinar.

Durante a leitura do livro em questão, consideramos a análise dos teóricos Karl Erik Schollhammer (2009) e Giorgio Agamben (2008) que se propuseram a explorar a contemporaneidade tomando como instrumento de análise a ficção, que se materializa tanto no discurso histórico como no discurso literário, remetendo ao universo de possibilidades e vertentes que se iniciaram na segunda metade do século XX e foram consolidadas no século XXI. Inclusive o livro de Ana Maria Machado, suporte para o desenvolvimento deste trabalho, inaugura possibilidades (ou mesmo uma necessidade) de leitura, capaz de considerar esse trânsito entre o fato histórico ainda preso às questões do século XX, e a sua reinterpretação, hoje, no século XXI, já que ainda precisamos digerir e entender aquele momento tão difícil que foi, para o Brasil, a ditadura.

Trata-se de um novo olhar do social transpassado pela temática da ficção, em sua capacidade de modificar tudo o que tinha sido feito anteriormente. Narrando em terceira pessoa, a autora se utiliza de elementos e acontecimentos reais para ficcionalizar a História Brasileira com um viés intimista e feminista, característico das escritoras femininas da geração pós-segunda guerra mundial, a geração de 1945, assim como Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector, cada uma com sua particularidade. Com isso, o leitor — inclusive e principalmente aquele que, pela primeira vez entra em contato com um fato histórico tão recente, embora sobre ele se tenha construído um apagamento da memória ao longo de sua vida escolar, como é o caso dos alunos constantes de nosso trabalho — passa a experimentar essa experiência do histórico por meio da ficção, subjetivando em si uma realidade, percebendo-a de maneira muito mais complexa, porque é histórica e catártica ao mesmo tempo. Essa perspectiva didática, ao nosso ver, é muito mais impactante e produtiva, porque, principalmente pelo impacto que claramente gerou no aluno, exigirá dele uma adequação da informação moderna ao momento contemporâneo, ao pós-moderno em que ele vive. É essa experiência que consideramos positiva em nosso trabalho de campo: o aluno assume o momento político do passado e o propaga sobre

essa nova cidadania da pós-modernidade, a exigir posicionamentos críticos para além da velha questão política.

Ao utilizar-se das memórias da protagonista Lena contadas ao longo da estadia no exílio, a autora faz uso da metaficção historiográfica – como define Linda Hutcheon (1991), “ficção que se apropria de personagens e/ou acontecimentos históricos sob a ordem da problematização dos fatos concebidos como verdadeiros”- como recurso para contar as peripécias de uma jovem que viveu o autoritarismo na pele, lutando com seus amigos para o retorno da democracia.

À guisa de exemplificação, no que tange a conceituação do contemporâneo, Agamben (2009, p.12) se utiliza dos estudos de Roland Barthes, Schollhammer e Nietzsche aproximando

[...] O contemporâneo ao intempestivo, o que significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (...) O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente.

Ana Maria Machado (1988) durante todo o romance potencializa a questão do tempo, jogando o passado no presente em todos os instantes, facilitando a assimilação dos fatos concebidos como reais e os acontecimentos ficcionais por parte dos leitores. Consideramos *Tropical Sol da Liberdade* um romance pós-moderno a partir do momento em que sua autora problematiza a questão temporal brincando com o passado para justificar o presente vivido pelos personagens e pela população de maneira geral. A narrativa é claramente construída por metáforas tão significativas e uma densidade emocional inquietante por parte do público, as marcas do passado, colocadas como cicatrizes da personagem principal podem ter uma simbologia do país marcado pelo sofrimento de uma época que muitos gostariam de esquecer, a ascensão do autoritarismo e queda da democracia vigente.

Nesse sentido, destaca-se a condição periférica do público-participante que foi super solícito durante todas as etapas de aplicação deste trabalho, que aconteceu no segundo semestre de 2019, com a turma de vestibulandos do Pré-Vestibular Fernando Santa Cruz.

Como se tratava de um romance cuja leitura exige uma disponibilidade de tempo que certamente muitos alunos poderiam não ter, propomos inicialmente a leitura apenas de um capítulo de *Tropical Sol da Liberdade*, capaz de dimensionar o seu tema e o problema histórico que subjaz a ele. O capítulo selecionado foi justamente o de abertura que passou a ser considerado um marco no enredo e na concretização da temática do exílio na contemporaneidade. Nele observamos o retorno da personagem Lena, de seu exílio na França do século XX, nutrida por ideais democráticos, de liberdade, igualdade e fraternidade, percebendo que o modelo implantado na França está muito distante do encontrado no seu país de origem, o Brasil, que passava por um regime autoritário de direita, governado por uma junta militar que detinha o poder em sua totalidade, ela se vê cercada pelas amarras da ditadura civil-militar.

As cicatrizes que permaneciam em seu corpo contavam a história do sofrimento, da dor que havia passado com seus companheiros diante de um tempo que estava longe de acabar. O movimento das “diretas já” só aconteceria em 1985, na década seguinte a que se passava a trama do livro, sem dúvidas um agravante para as próximas gerações.

Paralelamente à discussão sobre a temática do capítulo do livro lido em sala de aula, os jovens mergulharam num universo praticamente inóspito para cada um deles, já que a obra de Ana Maria é regida pelos postulados do memorialismo clássico da literatura contemporânea,

Como desdobramento das primeiras leituras e preparação para as próximas, discutiu-se com os alunos a questão do exílio, voluntário e compulsório, que era muito comum no período retratado no romance. Helena Maria, a protagonista, teve uma experiência no exílio em caráter voluntário, pois saiu do país por livre e espontânea vontade de se livrar do regime que instaurava a autocracia como forma de poder unilateral, em razão disso, alocou-se na França, um dos países europeus mais democráticos do mundo. Durante esse período, a personagem retrata pelo memorialismo um momento extremamente melancólico de sua vida, pela ótica feminina de Ana Maria Machado que permeia a literatura brasileira do final dos anos 1970 passando do imaginário infanto-juvenil para o adulto.

Nesse sentido, vejamos que Miller (1974, p.460-461) postulou sobre esse período tão significativo para a história à luz da literatura contemporânea:

O pós-modernismo é anistórico. É conhecida linha de ataque, lançada tanto por marxistas quanto por tradicionalistas, não só contra a ficção contemporânea, mas a atual teoria – da semiótica à desconstrução. No entanto, o que me interessa aqui não é o detalhe do debate, mas o próprio fato de que, mais uma vez a História volta a ser uma questão. Ela parece estar inevitavelmente vinculada àquele conjunto de pressupostos culturais e sociais contestados que também condicionam nossas noções de arte e teoria atuais;

nossas crenças em origens e finais, unidade e totalização, lógica e razão, consciência e natureza humana, progresso e destino, representação e verdade, sem falar nas noções de causalidade e homogeneidade temporal, linearidade e continuidade.

O pós-modernismo teria projetado, por isso, a “história ficcional” como chave para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem da literatura brasileira, antes de tudo porque o cenário que ela promove proporciona ao aluno uma experiência única de vivência pela leitura de um tempo que foi esquecido, permitindo-lhe, assim, adotar a história como método e a literatura como instrumento para elaboração de um pensamento crítico capaz de leva-lo à melhor interpretação do mundo em que vivemos. Foi esta a tarefa a que nos impomos: obter algum sucesso na atividade de semear a leitura crítica acerca da temática do exílio.

O texto literário foi colocado como conteúdo a ser apresentado nas partes subsequentes à teoria e às metodologias utilizadas, o que possibilitou uma visão do projeto de leitura realizado com alunos do Ensino Médio. Professores, possivelmente, poderão ler e utilizar este trabalho com suas turmas de literatura e a visão crítica da contemporaneidade será finalmente replicada no cenário brasileiro. Ao longo da leitura deste trabalho, encontrar-se-ão passagens de *Tropical Sol da Liberdade* em que o tema do exílio incitará enfoques vários de discussão, desde os de natureza histórico-contextual, até os que dizem respeito à subjetividade das personagens; uma subjetividade que encontra ecos na própria subjetividade dos que viveram aquele período e, por que não, na subjetividade do brasileiro atual.

Por fim, direciona-se o olhar dos leitores pela abertura da leitura, por assim dizer, partindo do panorama histórico-literário da ditadura militar e do exílio, sem que esse seja o único enfoque possível, já que a perspectiva será sempre a de atravessamento de uma realidade, de construção crítica, enfrentamento e superação, como vemos na passagem de uma letra que, também se referindo ao mesmo momento, diz:

*Você corta um verso
Eu escrevo outro
Você me prende vivo
Eu escapo morto
De repente, olha eu de novo
Perturbando a paz
Exigindo o troco.* (TAPAJÓS, PINHEIRO, 1972)

2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

De maneira geral, o trabalho objetivou aprofundar o conhecimento dos alunos em relação ao tema, tanto do ponto de vista da História quanto do da literatura, do exílio na contemporaneidade, tendo como mote a narrativa memorialista de Ana Maria Machado por meio do livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988).

Especificamente, o trabalho objetiva desenvolver a habilidade de leitura crítica dos alunos; apresentar novas tendências literárias, como o pós-modernismo¹ que preconizava a narrativa memorialista através do par passado/presente que se misturam ao longo das tramas e materializar o conhecimento adquirido através da produção de breves crônicas narrativas baseadas no livro em questão.

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica por sua originalidade quanto à temática do exílio na contemporaneidade, pouco visto entre os demais trabalhos da comunidade acadêmica de literatura brasileira contemporânea do século XXI. Além disso, podemos considerar a motivação pessoal, um carinho muito especial e uma identificação ímpar com o livro, que serviu de suporte para a materialização da ficção contemporânea que se faz presente a todo instante durante a leitura.

Ao longo do processo de familiarização, por parte do público-alvo, estudantes do ensino médio da rede pública do município do Rio de Janeiro, pude perceber uma intensa correspondência entre a proposta de produção de uma série de crônicas narrativas que poderia posteriormente se tornar um livro de crônicas narrativas de cunho histórico-literário e a recepção crítica desse material nos alunos. Nesse sentido, houve a simbiose teórico-metodológica do conteúdo aprendido por cada um dos envolvidos no projeto e a sua capacidade de observação do fato histórico sob a perspectiva da literatura contemporânea.

Dessa maneira, buscou-se também levar os alunos à reflexão do panorama pós-moderno dessa literatura tão inovadora, com escritores tão significativos cujos traços estilísticos se aproximam do que seria uma releitura da geração de 1945, voltada para o memorialismo regionalista de Graciliano Ramos e Clarice Lispector que inauguraram um olhar sobre o mundo totalmente diferente do que acontecia nas gerações anteriores. A temática cotidiana e linguagem coloquial inaugurada nesse mesmo período é simultaneamente encontrada no livro de Ana Maria Machado, *Tropical Sol da Liberdade* (1988), que usamos nesse trabalho, de maneira a atingir o público-leitor com uma profundidade considerável, popularizando o conteúdo entre todos os interessados no recorte temporal de 1960 a 1985, o período da ditadura militar brasileira vista sob a ótica da juventude, até então representada pela protagonista Lena durante todo o enredo.

Em suma, podemos perceber que através da leitura crítica, fomentada pela densidade da leitura do primeiro capítulo do livro, os alunos foram capazes de olhar o mundo com uma nova perspectiva, descobriram o olhar do estrangeiro, do jovem que passou e viveu o autoritarismo tendo que lutar por seus direitos democráticos, daqueles que foram exilados do país que anteriormente era sua pátria, mas que involuntariamente teve de se moldar para obedecer à nova ordem mundial. Por isso, constatamos que houve um aperfeiçoamento da capacidade crítica, sensorial e psíquica por parte dos alunos, e essa conquista veio justamente através da

interdisciplinaridade entre história e literatura, sobretudo, num momento muito atípico, na contemporaneidade.

4. REFERENCIAIS TEÓRICOS

O romance *Tropical Sol de Liberdade* de Ana Maria Machado usado como suporte da experiência didática, cuja descrição teórica e prática constitui o cerne deste trabalho, é uma obra voltada essencialmente para o público adulto. O que significa, em nossa avaliação, um desafio positivo, já que o aluno que fez parte do nosso projeto, embora não tivesse uma formação cultural densa, já não constituía o universo típico do adolescente – muitos deles, inclusive, já trabalhavam.

Já no primeiro capítulo, temos a emblemática epígrafe:

*Brilhou de novo o sol da liberdade
A luz renasce sobre a serra
O mundo volta à tranquilidade
Findou a guerra
A paz se estende sobre a terra
Foi vencida a tirania pela democracia.* (SAMBA DO SALGUEIRO, 1946)

Por ela, procuramos fazer ver que no livro em questão a história que será narrada perpassa um período de adversidades no que diz respeito aos direitos humanos, civis, democráticos. Uma nova modalidade de governo fora instaurada na época, destruindo todos os sonhos de uma juventude movida pela conscientização social.

A ditadura militar que durou de 1964 a 1985 originou uma onda de conservadorismo em todo o país, novos costumes, a tradicional família brasileira deveria ser seguida com os moldes propostos pelos militares, estando a imprensa sitiada, os atos institucionais colocados em pauta, dissolvendo partidos políticos, e dois partidos se opunham no poder: o *ARENA* (Aliança Renovadora Nacional – apoio ao governo) e o *MDB* (Movimento Democrático Brasileiro – de oposição). O “milagre econômico brasileiro” (1969-1974) teve sua ascensão no governo Médici e massacrou a oposição ao regime militar.

O caminho dos que lutavam contra o estado ditatorial estava na clandestinidade e na luta armada, surgindo organizações de guerrilhas urbanas e rurais, com destaque para, *ALN* (Aliança Libertadora Nacional), *MR-8* (Movimento Revolucionário 8 de outubro), *VAR-Palmares* (Vanguarda Armada Revolucionária), que partiram para a prática terrorista contra a ditadura militar com prisões, torturas e desaparecimento de presos políticos. Paradoxalmente, mas com explicações compreensíveis, o país viveria seu “milagre econômico” com os seguintes bordões

criados pelo regime da ditadura: “Ninguém segura este país!”, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, dentre outros.

Tropical Sol da liberdade (1988) retrata um período que muitos gostariam de esquecer. O texto literário, materializado na ficção meta-histórica, torna-se instrumento de análise a partir do momento em que a autora utiliza os acontecimentos históricos, tidos como fonte inesgotável de informações. Corporificando as ideias e os acontecimentos, obtém-se uma perspectiva mais consciente dos fatos narrados, refletindo sobre eles durante a leitura. Em virtude disso, utilizaram-se fragmentos do primeiro capítulo como material de análise e discussão dessa união entre história e literatura.

A narrativa em terceira pessoa é contada pela ótica feminina da personagem principal, Helena Maria, que sendo mulher, jovem e jornalista, narra suas aventuras pelo período militar com muita ousadia. Lena é obrigada a passar uma temporada na França com intuito acadêmico, mas ainda assim fica ligada no que acontecia em seu país, com seus familiares e amigos.

A história começa com o seu retorno à casa de sua mãe, no interior, lugar em que passara a infância e adolescência rodeada de amigos e do seu irmão. A primeira imagem que a narradora desenha para o público leitor é a da casa com adjetivos muito fortes e dignos de reflexão: sólida, ensolarada, com janelas abertas ao vento, varandas cheias de redes, acolhedora, hospitaleira e invasiva e conseqüentemente acabava não sendo o lugar de Lena.

Em seu retorno, a jovem percebe que todo o carinho que nutria pela casa de sua família acaba se tornando um pesadelo. A casa tinha todas as qualidades acima citadas, mas, no momento em que ela se dá conta de tudo o que viveu no exílio, passa a caracterizá-la da seguinte maneira: já não era mais seu porto-seguro, o passatempo das férias e festas; pelo contrário, agora era como uma toca, um refúgio, um esconderijo o qual teria as marcas, cicatrizes de uma vida, seriam curadas. Lena temia o seu futuro, sua condição de recém-chegada do exílio, que poderia trazer-lhe más conseqüências.

Ao ser trabalhado esse conteúdo com os alunos durante a leitura profunda e cuidadosa, percebeu-se uma receptividade ímpar que garantiu o progresso nos questionamentos e adendos de história e literatura que estavam acostumados a conhecer. Discutiram-se os fatos destacados anteriormente no texto, a questão da casa, do pertencimento e não pertencimento à pátria por parte da narradora, e, juntos, chegou-se à seguinte conclusão: os cidadãos vivem sitiados, restritos de seus direitos constitucionais, acabam por nutrir um sentimento de fuga absurdo, uma vontade de resgatar seu pertencimento à pátria de qualquer maneira. Esse sentimento foi transportado do passado ao presente junto com os alunos, semeando o debate. O que havia

mudado do passado para o presente? Ainda seria possível analisar a perspectiva do exilado na contemporaneidade?

Pedagogicamente falando, o efeito sentido pelos alunos durante a reflexão desse período foi fundamental para que compreendessem que o conhecimento histórico se enlaça com o conhecimento literário, numa fusão quase perfeita para o aprendizado. O passado materializado no discurso literário em *Tropical Sol da Liberdade* (1988) organiza-se pela sucessão de acontecimentos importantes que vão sendo diluídos na narrativa contada pela personagem principal. Ana Maria Machado nessa obra, direcionada para o público adulto, conseguiu ilustrar muito bem o período militar com um toque poético, mais brando, conquistando muitos leitores.

Por outro lado, quando os alunos foram colocados como protagonistas do processo criativo, agindo como leitores “ativos”, puderam refinar seu conhecimento, aumentando seu repertório sociocultural. Nesse sentido, visando a esse objetivo, consideramos o artigo de Ridenti (2010), um teórico muito conhecido, como base teórica da parte histórica que destacamos neste trabalho:

(...) Talvez os anos 1960 tenham sido o momento da história republicana mais marcado pela convergência revolucionária entre política, cultura, vida pública e privada, sobretudo entre a intelectualidade. Então, a utopia que ganhava corações e mentes era a revolução – não a democracia ou a cidadania, como seria anos depois-, tanto que o próprio movimento de 1964 designou a si mesmo como revolução. As propostas de revolução política e também econômica, cultural, pessoal, enfim, em todos os sentidos e com significados mais variados, marcaram profundamente o debate político e estético. Rebeldia contra a ordem e revolução social por uma nova ordem mantinham o diálogo tenso e criativo interpenetrando-se em diferentes medidas na prática dos movimentos sociais, expressa também nas manifestações artísticas. (FERREIRA; DELGADO 2010, *apud* RIDENTI, 2010, p.135)

Tratando-se de um período fundamental para a História Republicana do nosso país, como vimos, o autor citado por Ridenti (2010) distribui as diferentes esferas da sociedade e promove uma simbiose entre as principais, conduzindo o leitor a acreditar que esse momento acabaria em revolução e o diálogo seria a única razão, uma vez que a democracia estava ameaçada pela ascensão do conservadorismo.

Nesse cenário, cada vez mais devastador, procurou-se ensinar literatura através da história, os discentes tiveram a oportunidade de vivenciar por meio da leitura profunda um período da história brasileira tão significativo para a construção da democracia, afinal mesmo com todas as contradições do conservadorismo, refletindo podemos constatar que ele fez parte da construção do imaginário sócio-histórico do país, tornando seus reflexos presentes nas camadas da sociedade nos dias atuais.

Posteriormente, foram debatidas as ideias contidas nesse panorama a fim de potencializar a compreensão da mensagem transmitida nos discentes. A leitura profunda foi utilizada como instrumento didático promovendo resultados significativos para o aluno, que é também um leitor. Dessa maneira, podemos considerar que o hábito da leitura, sobretudo a literária, por parte de jovens de todas as idades, começa na escola. Em virtude dessa inclusão social passamos a conviver com a ideia de que a literatura, por meio da obra propriamente dita é aberta, passível de ser interpretada de inúmeras maneiras. Outrossim, levando o sentido da recepção literária ao extremo.

No que tange à leitura crítica voltada para o universo literário na interdisciplinaridade, podemos considerar o trabalho de Fariña (2016, p.77, grifo nosso):

[...] Um único texto não tece um leitor. O professor precisará conduzir ou passear com seus alunos por muitos outros textos que *griem*, que lhes chamem a atenção para os absurdos grotescos e as delicadezas sutis desse viver caótico que todo homem humano precisa enfrentar. Um texto fala a outro texto. Eles se cruzam, se tecem entre muitos outros textos, para formar um amanhã iluminado pela luz da palavra, sempre unida a uma outra e ainda mais uma outra, trazendo a sensibilidade e a coragem de enfrentar o viver diário de forma mais solidária, sensível, aberta e fraterna. Teça na escola um novo amanhã em meio a muitos textos e autores! Escreva uma nova história! É função da escola dar a seu aluno o acesso necessário a diversas formas de expressão e arte, a fim de que eles possam ter a sua subjetividade e o seu imaginário construídos e influenciados pela linguagem.

A autora nos diz que o processo interdisciplinar promovido pela leitura crítica deve ser dotado de prazer, aberto a outras possibilidades de materializar o discurso, representado pelo texto literário. Em outras palavras, ela nos diz que olhar a forma com que o outro escreve sua palavra por assim dizer, representa a aceitação da subjetividade alheia, todos merecem ter voz por meio da linguagem imaginária, construída a partir de uma infinidade de textos trazidos no processo interdisciplinar.

Logo em seguida, os mesmos alunos despertaram para a possibilidade de tornarem-se autores de sua própria história, através da construção e projeção de sua subjetividade formada pela leitura profunda do primeiro capítulo do livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988), escrevendo a literatura por meio da história. Ao perceberem que só a leitura profunda foi capaz de consolidar a apreensão dos fragmentos textuais, refinando a criticidade do repertório cultural, e assim, possibilitando a aquisição do texto literário pelo viés histórico.

Kleiman (2014, p.76) sustenta que “[...] Seja para o trabalho, ou para o lazer, ou para o registro de experiências, ou para o estudo, ou para expressão artística; seja para recepção e consumo, seja para criação ou distribuição, o usuário constrói por si próprio, um trajeto

individual, único, em busca da informação.” essa informação, que no nosso trabalho pode ser considerada a fonte de estudo, em outras palavras, o texto literário, foi produto da intervenção pedagógica que a leitura crítica promove, sendo motivo de toda e qualquer manifestação textual ou discursiva que apareceu durante todo o processo. Lidar com textos nunca foi uma tarefa fácil no que tange à possibilidade do uso de crônicas, de caráter narrativo, feitas pelos alunos, discutindo o tema “O sentimento de mal-estar no Brasil contemporâneo: a questão do pertencimento ou não pertencimento à pátria no momento em que vivemos” são, sobretudo, incomuns.

Buscou-se, nessa atividade, dinamizar o processo de ensino-aprendizagem a partir da concepção de linguagem previamente discutida de maneira política no uso em sala de aula, segundo o que Geraldi (2001, p.40-41) afirma a seguir:

Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula. [...] Em geral, quando se fala em ensino, uma questão prévia – para que ensinamos o que ensinamos?, e sua correlata: para que as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefício das discussões sobre como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar, etc. Parece-me, no entanto, que a resposta ao “para que” dará efetivamente as diretrizes básicas das respostas. Ora, no caso do ensino de língua portuguesa, uma resposta ao “para que” envolve tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura relativamente à educação. Uma e outra se fazem presentes na articulação metodológica. Por isso são questões prévias. Atenho-me, aqui, a considerar a questão da concepção de linguagem, apesar dos riscos da generalização apressada.

Em relação à opção política escolhida nesta atividade, e em todo o trabalho, foi adotada a neutralidade do discurso, encarando a equidade dos polos opostos, optando-se, assim, pela centralidade como saída na discussão. Quando os alunos abordavam alguma consideração sobre a esquerda ou a direita, escolhia-se o caminho da imparcialidade, respeitando o ponto de vista de cada um, seu pensamento crítico e filosófico referente à sua posição política. Em sala de aula, lendo o capítulo do livro em questão, percebeu-se que a narradora adota uma perspectiva muito neutra no que diz respeito aos acontecimentos por ela mencionados. Assim, vimos diferentes pontos de vista – do conservadorismo e da democracia – os pontos fortes e fracos de cada um e chegou-se à imparcialidade.

Por outro lado, essa concepção de linguagem que se viu anteriormente pode ser adotada quando se falou na formação leitora dos alunos, o letramento por assim dizer, a aquisição

funcional das capacidades das habilidades de leitura e escrita. Partindo-se do pressuposto de que os alunos vinculados ao trabalho, oriundos do Pré-Vestibular Comunitário Fernando Santa Cruz no ano de 2018, apresentavam uma bagagem teórica de letramento muito defasada. Esses jovens possivelmente foram malescolarizados e para que pudessem realizar as atividades propostas por este trabalho. As providências tomadas em relação ao processo de aprimoramento da língua escrita e da leitura estiveram de acordo com os postulados de Kleiman (2014, p.74-75), afirmou a seguir:

[...] Se focalizarmos a concepção do objeto de ensino – a língua escrita – que subjazia às três aulas, podemos concluir que, mesmo mais bem preparadas e mais consistentes do ponto de vista dos objetos visados, pouco mudou num quarto de século em relação à contemporaneidade das práticas de uso da língua escrita mobilizados na escola: tal como na década de 1990, as práticas escolares hoje não levam em conta o espaço e o tempo em que transcorrem, tampouco a historicidade dos sujeitos. De fato essas práticas não remontam apenas a essa década, mas já são centenárias: se hoje não se usa mais quadro negro, nem silabário, nem texto mimeógrafo; se a aula mudou de nome de “rudimentos da escrita” (FRADE,2011) para ‘letramento inicial’, a concepção da escrita é ainda a de uma prática independente do sujeito, da história, não situada no tempo e no espaço, em oposição aos usos da língua oral. A ‘modernidade científica’ não conseguiu suplantar as práticas escolares de letramento no início do século e parece também estar perdendo a batalha hoje, pois as funções sociais da leitura não estão orientando as práticas de ensino, que não levam em conta as finalidades do uso da língua escrita, ou o contexto social em que os cursos de EJA correntemente se desenvolvem.

Nesse sentido, ao tratarmos da aquisição da linguagem escrita na perspectiva funcional, sobretudo no campo político, gerada pela criticidade do processo criativo proposto nesse trabalho, vale a pena entrar na questão da interação das disciplinas envolvidas, que podem ser discutidas quando se fala em interdisciplinaridade entre literatura e história, devemos ter em mente o que Jantsch (1995, p.31) estabeleceu:

[...] se trata da síntese de duas ou mais disciplinas, de modo a instaurar um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais. É, portanto, comparável à síntese dos contrários, apesar de que, no caso da interdisciplinaridade, as disciplinas são simplesmente diferentes, de modo que elas não “se comunicam”. Uma síntese deste tipo leva para um nível novo.

Nesse sentido, tendo em vista que ambas as disciplinas, história e literatura, fazem parte das ciências humanas, elas se complementam, servindo de suporte para o aprendizado e aquisição do conhecimento histórico-literário que buscou-se constantemente no processo de

ensino-aprendizagem dos alunos não só durante este trabalho, mas de maneira global para que possa perpassar as paredes da escola, criando-se assim seres pensantes, capazes de defender suas opiniões no contexto social. Além disso, vale ressaltar o que Orlandi (2010, p.31) postulou sobre as condições de produção do interdiscurso que:

[...] a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibilizadizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Salienta-se ainda no livro escolhido o fato de que a rememoração da personagem principal Lena se faz como história, acontecimentos marcados pela realidade subjacente ao questionamento, que faz parte da memória nacional. Ainda nesse assunto, Orlandi (2010) coloca a memória como válvula de escape do processo discursivo. Quando se lida com a memória numa perspectiva social, deve-se ter em mente que ela constitui a história de uma época e como tal merece ser lembrada e colocada no pedestal. Ao se unir história e literatura, a memória completa a tríade de discussão não só por ser alvo de grandes pensadores contemporâneos, mas também por perfazer todo um acervo histórico-literário através dos textos.

Em relação à memória, deve-se lembrar que as mazelas de nossa vida percorrem um período da nossa história cujos dois lados devemos analisar, colocando todos os pontos positivos e negativos, lado-a-lado, buscando sempre a neutralidade em relação aos fatos que se sucederam. Não é possível se imaginar a pressão dos participantes da passeata dos cem mil, movimento que uniu estudantes de todo o Brasil, hasteando bandeiras, faixas com dizeres democráticos por um Brasil tomado pelos militares.

Nossa protagonista Lena, do livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988), presenciou tal acontecimento e narra através da memória viva o que foi percorrer milhas e milhas a favor da democratização e contra uma ditadura que passou por períodos muito complicados. Artistas, intelectuais da esquerda e celebridades percorreram o centro do rio de janeiro com apenas um único propósito: derrubar o autoritarismo e colocar fim ao regime da ditadura.

Escrever sobre um regime que sumiu com várias vidas é uma tarefa difícil; lembrar um tempo em que o joio se separava veementemente do trigo, uma era de extremos se consolidava infelizmente. “*Registra-se para não esquecer*”, era o bordão mais recorrente nas

salões de festa nas décadas de 1960 a 1980, período este sem razão de ser atenuado. Com isso, a narrativa da resistência fica em evidência e sobre ela Martin (2018, p.146-147, grifo nosso) nos mostra que:

[...] Nessa perspectiva, é relevante mencionar que quem, ainda hoje, representa a violência nas páginas literárias não mais a produz como na década de 1960 e 1980. Mas, todavia, sabe-se que há uma prática literária que está relacionada ao passado de violência, não somente ao teor, como, também, às sequelas de regimes políticos como uma necessidade de proporcionar voz a sentimentos, identidades e sujeitos diferentes, em que a literatura, apesar de muitas divergências em suas definições, chama a atenção à política de solidariedade presente na narrativa; assim como os vínculos estabelecidos entre realidade histórica e ficção, com embates políticos e ideológicos presentes na narrativa do trauma que pode estar contribuindo *a um jogo de elaboração de identidades nacionais integrado pela memória e história, realidade e ficção, subjetividade e testemunho, enquanto uma ação necessária ao enfrentamento do trauma vivenciado em países em que a violência ainda está condicionada à existência*. Assim, a relação entre narrador literário, autor, personagem e leitor remete à situação de diferentes países, dialogando com as consequências da memória, que é, além de resistente, também insistente.

No que tange à memória coletiva, Freud (1998, apud MARTIN, 2018, p.146-147) ainda ressalta que “uma das opções é buscar auxílio na psicanálise para levantar algumas reflexões sobre o problema, pois os períodos de guerra, ditaduras, guerrilhas deram origem a um grande número de doenças desse tipo”.

No fundo, a literatura abraçou o testemunho, abraçou a memória coletiva, revelando elementos constituintes do presente catastrófico ocasionados em um passado que não passa e que carrega, ao mesmo tempo, a tentativa de traçar os limites do que é possível contar, já que o “autor que narra os seus descaminhos o faz para mostrar em que medida seu percurso é não só labiríntico, mas propriamente circular” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.20). É uma dificuldade estritamente relacionada à neurose traumática.” (MARTIN, 2018, p.149), diferente do que acontece com a memória individual que perpassa outra direção, justamente abrangendo o funcionamento na busca pela sua identidade, como se pode ver no trecho a seguir:

[...] Nesse movimento, portanto, o sujeito envolvido, segundo Seligmann-Silva (2003), enseja uma busca pelo alívio em que contar e revelar surgem como opções para se livrar de uma carga, e é por ser uma escrita que revela e, ao mesmo tempo esconde, que necessita de precaução na leitura, pois, muitas vezes, o essencial não é o que está presente, mas o que está faltando na escrita, outro jogo que vai revelando os caminhos da memória individual que ganha acolhida na coletiva, sendo, então, a narrativa uma tentativa de compartilhar as nuances da memória resistente e insistente à compreensão, na busca pela acolhida e identificação com o outro que a deseja ouvir, tendo, enfim, o acolhimento na literatura à memória dos conflitos que se tornam, assim,

plurais, que tornam o passado, a identidade também no presente. (MARTIN, 2018, p.159)

Quando se fala em lembrança deve-se ter em mente a veracidade de tal fato, e a personagem principal Lena o faz baseado nas suas recordações de infância e adolescência que lhe foram rememoradas no exílio, afinal:

[..] Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

No sentido dessa reflexão, partiu-se da narrativa de Ana Maria Machado para ilustrar um período muito conturbado da história brasileira que abrange os anos de chumbo da ditadura militar, um tempo em que a liberdade era privilégio, sonhada por todos os jovens e a democracia esteve em perigo, como Oliveira (2014, p.11) demonstra no trecho a seguir:

As histórias são a principal forma, a porta de entrada, por onde desde cedo passamos a conceber o mundo. “E viveram felizes para sempre” é a finalização de uma narrativa, cuja vida faz-se organizada numa demanda de felicidade para as pessoas. No entanto, por intermédio de variadas circunstâncias, o encanto é quebrado e passamos a ter dificuldade em narrar o ocorrido: paralisamos diante da exposição das catástrofes e das barbáries promovidas pelos humanos, parafraseando Walter Benjamim, ficamos com a impressão de que a arte de narrar está em vias de extinção porque as experiências perderam o encantamento. Entretanto, por mais tensa que seja essa realidade, e que por vezes o silêncio seja o imperativo, o desafio de prosseguir com a narrativa mobiliza o contador de histórias, exigindo dele a coragem de romper o silêncio e de falar, ainda assim, dos tempos de angústia. A narrativa de Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade*, é a ilustração da dificuldade do narrador em exercitar o seu ofício porque desnova uma matéria difícil aos olhos humanos – a ditadura militar, mas também é o esboço de que, mesmo o sujeito mudo momentaneamente e tropeçando diante das palavras, a voz do contador de história não se recolheu.

Dessa maneira, conclui-se que **Narrar é resistir**, existindo no presente as mazelas que o futuro esconde, e o passado, ficcionalizado e materializado nos romances da contemporaneidade, fica a critério do leitor que assume a tarefa de interpretar e conhecer os tempos obscuros a fim de, a partir daí, formar o crivo crítico com que pensará, não só o passado,

mas também os reflexos dele no seu presente. Uma perspectiva que pode ser vista neste trecho que remete ao período da Ditadura brasileira:

[...] As principais características do regime militar no Brasil foram: cassação de direitos políticos de opositores; repressão aos movimentos sociais e manifestações de oposição; censura aos meios de comunicação; censura aos artistas (músicos, atores, artistas plásticos); aproximação dos Estados Unidos; controle dos sindicatos; implantação do bipartidarismo: ARENA (governo) e MDB (oposição controlada); enfrentamento dos movimentos de guerrilha contrários ao regime militar; e uso de métodos violentos, inclusive tortura, contra os opositores ao regime. Os presidentes do período militar, no Brasil, foram Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) Artur da Costa e Silva (1967-1969), Junta Militar, formada por Aurélio de Lira Tavares, ministro do Exército, Augusto Hamann Rademaker Grünewald, ministro da Marinha e Márcio de Sousa Melo, ministro da Aeronáutica (31/8/1969-30/10/1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Beckmann Geisel (1974-1979) e João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985). Foi um período de silenciamento. Entretanto, por intermédio da arte em geral e de representações como a pena literária, muitos escritores permitiram o descortinamento desse período através de obras renomadas que versam sobre essa página da narrativa do país. (...) *O romance de Ana Maria Machado, Tropical sol da liberdade, rememora esse tempo, trazendo à tona a experiência da personagem central, em meio às amendoeiras, às formigas, à casa dos avós, à convivência em uma família numerosa, nos períodos da infância e da adolescência, mas também a vivência terrível de um contexto de ditadura ocorrido na fase adulta, cujas marcas se manifestam na memória.* (OLIVEIRA, 2014, p.12, grifo nosso)

5. REFERENCIAIS METODOLÓGICOS

Considerando-se o destino da protagonista Helena Maria, jornalista exilada, os alunos foram convidados a escreverem sobre a temática do exílio numa perspectiva de expatriação compulsória, com os seguintes textos motivadores: fragmentos do primeiro capítulo do livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, a letra de música “*London, london*”, de Caetano Veloso, um exemplo concreto de exilado político, além da definição da palavra exílio retirada do dicionário. A atividade foi feita da seguinte maneira:

“EXÍLIO: ação ou efeito de exilar; que foi retirado do seu próprio país ou que dele saiu voluntariamente; Local que habita o exilado; Região desabitada, lugar distante, lugar solitário; Figurado: que se excluiu do convívio em sociedade, solidão.”

Sinônimos: expatriação, proscricção, banimento, degredo, deportação, desterro. **Etimologia** (origem da palavra *exílio*). Do latim *exilium*.”

Após a leitura atenta do primeiro capítulo, elabore uma breve crônica narrativa sobre a condição do exilado, suas memórias, seus medos, suas perspectivas, caminhos e descaminhos, sentindo-se em constante expatriação ao retorno de sua própria casa. Observe o trecho a seguir da música “*London, London*”, de Caetano Veloso (1971), um típico exilado político, que se traduz:

*Estou vagando, dando umas voltas, sem direção
Estou solitário em Londres,
Londres é amável assim Cruzo as ruas sem medos,
Todo mundo deixa o caminho livre
Sei que não conheço ninguém aqui prá dizer olá
Sei que eles deixam o caminho livre
Estou solitário em Londres, sem medos
Estou vagando, dando umas voltas, sem direção
Enquanto meus olhos saem procurando por discos voadores no céu
Enquanto meus olhos saem procurando por discos voadores no céu... (LONDON,
LONDON- CAETANO VELOSO)*

O retorno da personagem Helena Maria serve como exemplo de direção na história, suas memórias seriam a história contada e vivida pela personagem recheadas pela mordaz

estadia no exílio, memórias de uma exilada narram o período da ditadura militar, suas dores e suas fugas, o medo, a repulsa ainda se faziam presentes., Agora é a sua vez! Escreva uma crônica narrativa em no mínimo 20 linhas sobre esse episódio, retratando o exílio pelo olhar do jovem do século XXI.

Finda a atividade, os alunos foram estimulados a refletir acerca do exílio e do quão emblemática é a experiência de passar por ele.

Os alunos foram apresentados a um processo de formação cultural por meio da leitura crítica que é de fundamental importância em nossa sociedade contemporânea que perpassa a política em todos os quesitos. Paulo Freire (2014) aborda esse tema com a seguinte citação: “Ler criticamente o mundo é um ato político-pedagógico; é inseparável do pedagógico-político, ou seja, da ação política que envolve a organização de grupos e de classes populares para intervir na reinvenção da sociedade.” (FREIRE, 2014, p.18)

Diante dessa citação constata-se que o ensino de língua materna deve ser pautado junto com o ensino de história, ideologicamente falando, devem-se tratar os jovens como seres pensantes, capazes de mudar o mundo por meio da leitura crítica, que, por sua vez, é capaz de revolucionar as bases do governo das instituições sociais de poder. Política é pensamento crítico, seres políticos e devemos ensinar como esse pensamento deve se constituir com os nossos jovens, analisando todos os lados, partindo da neutralidade sempre.

Sendo assim, Regina Dalcastagné (1996) cita Silviano Santiago acerca dos romances produzidos na época da ditadura militar, principalmente o *Tropical Sol da Liberdade*, tratando-se de uma narrativa autobiográfica, vemos que:

[...] Por último, já com a volta dos exilados políticos de 1979, surgia à narrativa autobiográfica, a partir dos relatos dos ex-guerrilheiros. Santiago considera essa escrita uma herdeira do memorialismo dos modernistas, mas a distingue dele numa série de aspectos, sendo que o principal é que “no caso dos modernistas, a ambição era a de recapturar uma experiência não só pessoal como também do clã senhorial em que se inseria o indivíduo; nos jovens políticos, o relato descuidava-se das relações familiares do narrador/personagem, centrando todo o interesse no envolvimento político do pequeno grupo marginal. (DALCASTAGNÉ, 1996, apud SANTIAGO, 1996, p. 115)

Lena em *Tropical Sol da Liberdade* (1988) incita a memória como forma de resistência, como podemos ver na passagem a seguir, extraída do livro acima citado:

[...] Lembrar o passado é sempre também um modo de recorrer ao amanhã, de construir um projeto. A memória tende, quando não é um sonho onírico, à

comunicação. É uma recriação coletiva; por meio do outro e com ele afirmamos o passado, já não como biografia pessoal, mas como história compartilhada. Recusar o esquecimento é, além disso, assumir a dor. Fazer memória é a tentativa de compreender as feridas e explicar as cicatrizes: tomar consciência. A consciência histórica rompe com a atitude mimética, que se encerra sem conflitos sobre a realidade. A comunicação tende a criar uma comunidade ao redor dos símbolos. (BAZARRA,1980, p.167)

Ana Maria Machado, majestosamente, conduz esse sentimento com a protagonista Lena, que se sente uma expatriada, estando à margem de sua pátria por não concordar com os preceitos e regras que foram impostas pelo governo, numa tentativa de controlar os jovens pós-64 que sentiam que só a revolução era a peça chave para o retorno da democracia, dos sonhos, das virtudes que viriam a se tornar razão dos momentos felizes que sentiram nos tempos passados e sem contar à crença que sentiram para com o futuro próximo.

Quando se fala em ensino de literatura deve-se ter em mente que existe uma linha tênue com o ensino de história, devido ao fato de que as disciplinas, Literatura e História, vieram do mesmo tronco, o das ciências humanas e sua separação veio muito após muitos anos. Segundo Linda Hutcheon (1991 apud JACOMEL, 2009, p.740), a metaficção historiográfica aborda continuamente essa questão histórica e literária dos romances pós-modernistas, como se pode ver no trecho a seguir:

[...] tem por característica apropriar-se de personagens e/ou acontecimentos históricos sob a ordem da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”. Isto é, o que diferencia a meta- ficção historiográfica de um romance histórico é a autorreflexão causada pelo questionamento das “verdades históricas”. A literatura, nessa perspectiva problematizadora da história, possui, sem dúvidas, um esquema de referências ao passado. O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois nessa “visita” ao passado podem-se descobrir “verdades” até então não reveladas, devido às relações de interesse e poder de “grupos” conservadores. Durante muito tempo, precisamente todo o século XIX, a literatura produziu o romance realista que, em geral, não partia do pressuposto de que a “realidade” social vivida fosse ambígua ou múltipla, ou seja, a partir de uma reflexão cotidiana focada na sensibilidade humana, o sujeito “aceitava” essa realidade como algo natural e invariável, a natureza precária do indivíduo como herança intransponível. Pode-se afirmar que o romance realista fundamenta-se na narração dos costumes urbanos contemporâneos como a vida íntima e a pública através de perspectivas naturais ou culturais.

Diante do exposto, pode-se desmembrar o ensino de literatura por um viés histórico, adotando a interdisciplinaridade como alavanca do conhecimento de ambas as disciplinas, isso leva a se perceber que as mudanças dos paradigmas do processo de ensino-aprendizagem, por um viés pedagógico das ciências humanas enfatizando o vestibular, se desmistificou, devido ao fato de que a abordagem não deveria ser conteudista, mas sim interdisciplinar, fazendo com que

os alunos aprendam o conteúdo por um viés mais performático unindo as duas disciplinas em questão – história e literatura brasileira. À guisa de exemplificação, quando se ensina o Romantismo no Brasil, bem como suas fases e principais autores, deve-se ter em mente o período histórico ilustra essas obras, que foi justamente a independência do Brasil, a chegada da família real portuguesa no nosso país.

Por outro lado, quando se trata de um período mais recente da história do Brasil, como a ditadura militar, a literatura de resistência se faz presente brilhantemente com nomes como Loyolla Brandão, com o romance *Zero* (1974), Ivan Ângelo, com o romance *A Festa* (1976), e Fernando Gabeira com o relato *O que é isso companheiro?* (1979). Os textos produzidos eram participativos, contestando a realidade vivida pelos autores, que narravam justamente a dificuldade de se aventurar pelas ruas da cidade tarde da noite ou mesmo sair com os amigos. Tudo era visto como suspeito e, se era suspeito, era digno de represália por parte dos militares. O importante para se trabalhar esse período é justamente o fato da unificação destas duas disciplinas no cotidiano escolar dos estudantes, que aprendem lendo a realidade que vivenciam atualmente.

Schmidt (1997) anuncia uma questão muito relevante acerca do ensino interdisciplinar em sala de aula, que veremos a seguir: “A sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa.” (SCHMIDT, 1997, p.57)

Dessa maneira constata-se que os estudantes devem ser pioneiros no ensino, interdisciplinar. Como se vê nas passagens adiante:

[...] O ensino de história possibilita ao professor trabalhar com diferentes linguagens, ao analisar o uso do livro didático percebemos que o conteúdo apresentado não é suficiente para levar uma compreensão mais abrangente. A utilização de novas fontes documentais em sala de aula contribui para uma melhora tanto na didática, como também, na relação ensino e aprendizagem. A partir do reconhecimento de um saber histórico interdisciplinar, é interessante trazer para a sala de aula, linguagens alternativas no ensino de História, ampliando o conhecimento do alunado quanto às novas fontes historiográficas. Segundo a autora Maria Auxiliadora Schmidt, o uso escolar de diferentes documentos estimula a observação do aluno e contribui para sua reflexão, resultando num processo de construção do senso crítico (SCHMIDT, 1997, p.57).

Paralelamente ao ensino interdisciplinar, as duas disciplinas em questão fazem tamanho sucesso no que diz respeito ao aprendizado, mutuamente tornam-se alavanca para o aprofundamento do conhecimento histórico-literário. Em virtude disso, consideramos que:

O uso das obras literárias como uma linguagem alternativa no ensino de história representa as minúcias de uma sociedade, sua leitura pode assumir o papel de uma narrativa histórica, e o mais interessante, podemos abordar as distintas interpretações quando vinculamos ao seu contexto histórico, observando o confronto dos dois tempos, aquele na qual a obra foi escrita e o contexto que se insere o leitor. É importante ressaltar que o uso da literatura procura despertar no alunado o interesse pela leitura, e ainda, procura despertar sua individualidade como leitor, respeitando as particularidades do seu tempo. (SOARES, 2011, p.797)

Esse produto acadêmico final foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação. Utilizaram-se, para tal pesquisa, questionários de base metodológica que os participantes responderam acerca da ditadura militar. Esse questionário contou com cerca de 10 perguntas que testaram os conhecimentos relacionados à história do período ditatorial e à produção literária que preenchia o período em questão. Os alunos-participantes foram muito solícitos ao responderem a esse questionário, que durou cerca de quinze minutos com as seguintes perguntas:

- Você já estudou o período da ditadura militar? Caso a resposta seja positiva, conte-nos um pouco sobre a experiência, caso seja negativa você gostaria de aprender sobre esse período? Justifique a sua escolha.
- Seus pais ou avós, que vivenciaram a ditadura, contaram para você sobre as torturas cometidas pelos militares na época em questão? Transcreva essas memórias.
- Você conhece Ana Maria Machado? Em especial o livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988)?
- Como você reagiu ao saber que a personagem principal do livro foi uma jornalista que lutou bravamente contra a ditadura? Você faria as mesmas artimanhas propostas por ela no livro a fim de sobreviver a tal período? Justifique.
- Como você se imaginaria exilado no seu próprio país, restrito de fazer coisas corriqueiras enjaulado pelas leis contraditórias dos militares? Justifique.
- Viver um regime ditatorial foi difícil para a humanidade, como você colocaria a questão da liberdade no cenário da década de 1960? Justifique.
- Como você terminaria o livro *Tropical Sol da Liberdade* (1988), de Ana Maria Machado? Dê um novo final para a personagem Lena.
- Você se considera de direita ou de esquerda? Justifique.

- Diante da narrativa, presenciemos em diversos momentos a fragilidade de uma jovem em busca de seus sonhos, você se considera como Lena, totalmente contrária à repressão? Explique.
- Escreva um ou dois parágrafos relatando a sua experiência ao responder esse questionário, o que sentiu, foi proveitoso? Aprendeu um novo período? Conheceu novas ideias?

As respostas foram contabilizadas e catalogadas. Pelo balanceamento e análise, constatamos que foi muito proveitoso. A amostragem da pesquisa, um seleto grupo de 15 adolescentes de 18 anos, que estavam cursando o Ensino Médio e já possuíam maturidade suficiente para responder às questões., residentes em Niterói. Utilizando-se técnicas de análise e interpretação dos dados do conteúdo recolhido, houve a possibilidade de os dados serem devidamente planejados e colocados em análise.

Todo o material coletado nesta etapa serviu de base para se analisarmos o conhecimento que os alunos detinham sobre o assunto estudado, que seria acrescentado a mais um tópico “o sentimento de mal-estar no Brasil: a questão do pertencimento e não pertencimento à pátria no momento em que vivemos”., Eles foram convidados a escrever uma crônica, de aproximadamente 25 linhas, do tipo narrativa, trazendo um elemento do cotidiano dos alunos com personagens relacionados ao tema, com linguagem coloquial. Após isso, foram selecionadas as melhores crônicas que formaram um pequeno livreto de crônicas dos alunos-participantes.

A questão do exílio na contemporaneidade é fruto do mal-estar em que vivemos em nossa sociedade, diante de um desgoverno que insiste em colocar o ser humano num subemprego, vivendo numa submoradia, com subsalário e muitos problemas, falta de segurança, desemprego, etc. Por isso, grande parte da população está migrando para Portugal, numa onda de esperanças por um mundo melhor, em busca da tão sonhada qualidade de vida que no Brasil está em falta. Com isso, as crônicas ilustraram esse sentimento de não pertencimento à pátria, com a destreza do olhar juvenil a um problema tão sério e atual que permeia nossa sociedade.

Finalizemos com uma das belas epígrafes retirada do livro em questão, do escritor Vinícius de Moraes(1949):

se me perguntarem o que é minha pátria,
darei: não sei, de fato não sei.
Como, por que e quando a minha pátria,
mas sei que minha pátria é a luz, o sal e a água,
que elaboram e liquefazem a minha mágoa
em longas lágrimas amargas

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, viu-se que os alunos compreenderam a proposta levantada pela pesquisadora e fizeram todas as atividades propostas com muito êxito. Com isso pode-se perceber que o fato de eles estarem conscientes dos atos cometidos pela ditadura, dos presos e exilados políticos tanto do pós-64 quanto dos dias atuais, repercutiu na validação da pesquisa por si só.

Reitera-se a importância da leitura crítica no universo juvenil da contemporaneidade, pois só assim esses jovens tornar-se-ão cidadãos conscientes, críticos e capazes de olhar o mundo com os olhos que a literatura promove, ou seja, só a arte salva.

Ademais, o programa de residência docente em Língua Portuguesa, ofertado pelo Colégio Pedro II, foi fundamental no crescimento da residente como profissional docente. Além dos cursos de formação continuada, pôde-se perceber que o conhecimento adquirido ao longo de 2018 e 2019 foi fundamental para a essência da formação da professora.

Esta pesquisa foi de base qualitativa do tipo pesquisa-ação, porque por meio dos dados pôde-se compreender como se deu o processo de aquisição da leitura crítica no âmbito do ensino médio, através da interdisciplinaridade entre literatura e história. Usando autores contemporâneos, foi possível perceber que a bibliografia mesmo que extensa, foi de grande relevância para sustentar as ideias, contribuindo para o desenvolvimento do TCC.

Dessa maneira, espera-se que os futuros professores que usarem os fundamentos desta pesquisa, apliquem em suas respectivas turmas a paixão que foi estudar este tema tão relevante para a formação do pensamento crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAZA, Ximena. Notas sobre a vida cotidiana numa ordem autoritária. In: MAIRA, Luis et al (org.). **América Latina: novas estratégias de dominação**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Cedec, 1982. p. 135-167.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. 2. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudo de teoria estudo literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p.13-177.

CHARTIER, Roger. História e Literatura. In: CHATIER, Roger. **À beira da falésia; a história entre inquietudes e incertezas**. Porto Alegre: Ed. Universitária: UFRGS, 2002. p. 255-271.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília : Universidade de Brasília, 1996, p. 1-155.

FARIÑA, Mercedes Formigo. **Por uma leitura literária crítica e transformadora na escola de 1º grau**. 162 f. 2006. Dissertação (Mestrado em ciência da literatura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Ciência da Literatura. Rio de Janeiro, 2006, p.1-171

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 1-115.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Boulder, Colorado: Paradigm, 2004, p. 8-54.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Editora ática, 2011. p.40-41.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013, p.72-91.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque; SILVA, Marisa Correa. **Discurso histórico e discurso literário: o entrelace na perspectiva da metaficção historiográfica**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2009. p. 740-748.

JANTSCH, Erich. Interdisciplinaridade: os sonhos e a realidade. **Rev. Perspectivas: Quartely Review of Education**, Rio de Janeiro, v.10, n. 3 , abr.-jun., 1980, p. 304-312..

KLEIMAN, Angela. **Letramento na contemporaneidade**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2014, p. 72-91.

MARTIN, Catiussa. A literatura da resistência: a busca pela compreensão da memória do trauma por uma escrita de ausências. **Revista Policromia, LABEDIS – Laboratório de estudos do Discurso, Imagem e Som (UFRJ)**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, dezembro/2018, p.159-163.

OLIVEIRA, Maria Edna da Silva Pereira. **Do silêncio à narrativa: a memória em tropical sol da liberdade, de Ana Maria Machado**. 2014. Dissertação (Mestrado em letras)-Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso, sujeito, memória e discurso**. Rio de Janeiro: Pontes, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates**, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Consultado em 18 jun 2011.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.) **O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 135-136.

SANTIAGO, Silviano. Prosa literária atual no Brasil. In: SANTIAGO, Silviano (org.). **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 115-116.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 55-66.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma. A questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. In.: UMBACH, Rosani Ketzer (org.). **Memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM, PPGL – Editores, 2008, p. 149-163.

_____. **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003, p. 229-243.

SOARES, Cristiane de Souza. As representações literárias e o ensino de história: discutindo história pela literatura. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA PERSPECTIVAS HISTÓRICAS: HISTORIOGRAFIA, PESQUISA E PATRIMÔNIO, Recife, 2011. **Anais [...]**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco., 2011. p.795-800.

APÊNDICE:

PLANO DE AULA
<p>Área de Atuação/ conhecimento:Língua portuguesa/Literatura Brasileira Contemporânea Tema:<i>O exílio na pós modernidade em Tropical Sol da Liberdade</i> Série/Nível:Ensino médio/Pré-vestibular Data: 13/07/2019 e 27/07/2019 Tempo de duração:45 min a 50 min, podendo se estender a 60min em cada aula.</p>
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar um resumo do livro Tropical Sol da liberdade, de Ana Maria Machado, e a partir dele encaminhar as discussões e debates com temas da atualidade visando o Enem e os demais vestibulares. - Produção textual de texto literário compatível com a linha de discussão feita anteriormente.
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Excertos literários de Ana Maria Machado. - Excertos sócio- históricos de Stuart Hall. - Folheto com orientações da produção textual. - Exílio, imigração, refugiados. - Pós-modernidade
<p>Procedimentos de Ensino:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Breve exposição do livro Tropical Sol da Liberdade, seu enredo e personagens principais; - Apresentação da temática do exílio, das migrações e dos refugiados na atualidade visando o vestibular - Debate com dois tópicos: 1) a construção da identidade do sujeito pós-moderno/a experiência do exílio por parte da protagonista do livro; 2) o sentimento de pertencimento e não pertencimento à pátria no Brasil no momento em que vivemos.
<p>Recursos Didáticos: Livro Tropical Sol da Liberdade, de Ana Maria Machado; Giz branco e colorido, Folheto com orientações e resumo da aula; Quadro negro; apagador;</p>
<p>Avaliação: Produção de uma crônica narrativa, de aproximadamente 15 a 25 linhas, discutindo o seguinte tema: <i>O sentimento de mal-estar no Brasil contemporâneo: a questão do pertencimento ou não pertencimento à pátria no momento em que vivemos.</i></p>
<p>Bibliografia:</p> <p>MACHADO, Ana Maria. <i>Tropical Sol da liberdade</i>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.</p> <p>HALL, Stuart. <i>A identidade Cultural na Pós modernidade</i>. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.</p>

ANEXO:

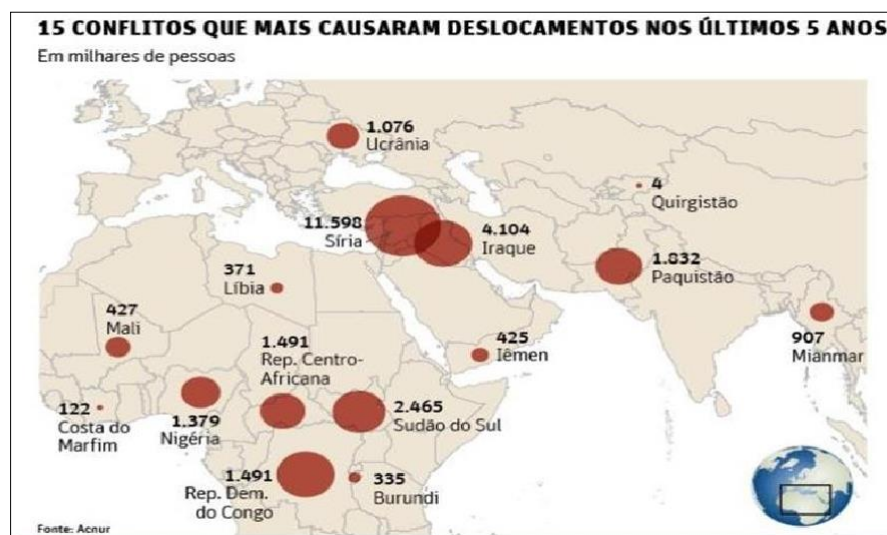
PROPOSTA DE REDAÇÃO

TEXTO 1

“Na terra dela era assim. “Nossos bosques têm mais vida”, cantam o hino e o poema. Mais vida é modo de dizer. Depende do que se chamar de vida. Uma forma de vida onde a violência rotineira não chocava mais ninguém. Mas onde animais protegidos bebendo água limpa num bosque seria mesmo coisa de se espantar. Tristes terras, tristes tempos. Retórica. O triste mesmo tinha sido antes. Na época do exílio, sem romantismo, que não tinha nada a ver com o de Gonçalves Dias, cantado no poema e incorporado ao hino. Vê se pode, pensava a mulher, um país fundado por degredados e que até no hino nacional lembra a dor do desterro, citando a canção de exílio, andar banindo gente em pleno século XX e espalhando exilado pelo mundo. “Não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá”. Mesmo poema, outro hino, saudade igual. Até mesmo agora, quando a viagem era só de algumas semanas, trabalhando, e o exílio era só uma profanação que ficara distante no tempo. Lá longe, doendo num cantinho empoeirado da alma, com uma enorme pedra em cima. Mas, ainda sim, reverberando. Apesar da passagem de ida e volta na bolsa, redonda certeza de daí a dois domingos estar de novo vestindo na pele o sol quente de casa, sem esse clima cinzento de exílio. Era isso. Bastava estar longe, que a saudade era grande. Vício do outro tempo, talvez. Sabe-se lá... Mas até onde Lena não podia reclamar. O exílio dela não tinha sido dos compridos, nem pesados. A rigor nem tinha sido exílio, só um afastamento voluntário, antes que tivesse que ser forçado e ilimitado. Não costumava pensar nesse tempo exatamente como exílio, não merecia o nome. Exílio tinha sido o dos outros, que saíram sem escolha. O dela, não. Foi só temporada. Longa, de quase quatro anos, mas temporada. Deu até para se interessar de verdade por muita coisa nos países adotivos, se ajeitar como possível na pele de empréstimo, na língua dos outros, no humor alheio.”

(MACHADO, Ana Maria. *Tropical Sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Páginas 26, 27)

TEXTO 2



(Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/refugiados/> acesso em: 29/06/2019)

TEXTO 3

**“MINHA TERRA TEM HORRORES”, VERSÃO DE POEMA FEITO POR
ALUNOS DO RIO DE JANEIRO CAUSA COMOÇÃO NAS REDES SOCIAIS**

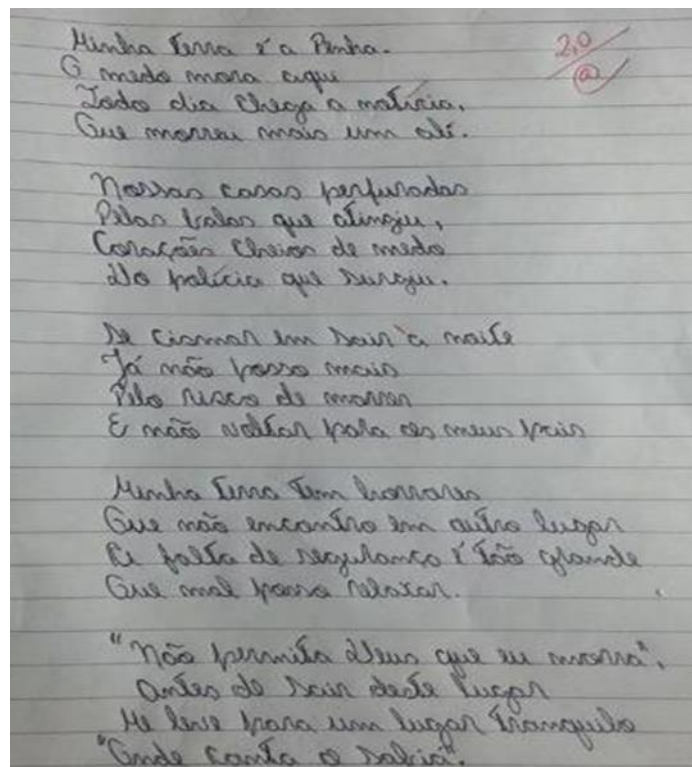
'Canção do exílio', escrita há 170 anos por Gonçalves Dias, foi parafraseada em escola estadual e ganhou tons trágicos. 'Me leve para um lugar tranquilo, onde canta o sabiá', diz texto.

Por Nicolás Satriano, G1 Rio - 07/04/2017 05h00 - Atualizado há 2 anos.

“ Há 170 anos, o poeta Gonçalves Dias escrevia a "Canção do exílio". A poesia atravessou as décadas e foi parafraseada inúmeras vezes. É comum, por exemplo, que na escola professores proponham o exercício aos seus alunos. Nos últimos dias, circula em redes sociais a reprodução de um dos textos elaborado por dois estudantes da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A versão carioca rapidamente comoveu a web: expõe, de modo poético, a triste realidade de quem vive em meio à violência que mata inocentes diariamente – inclusive dentro de colégios, como na morte da menina Maria Eduarda.

No texto, não por acaso, os adolescentes escolhem repetir uma das frases da obra original de Gonçalves Dias: "Não permita Deus que eu morra".

"Minha terra é a Penha, o medo mora aqui. Todo dia chega a notícia que morreu mais um ali. Nossas casas perfuradas pelas balas que atingiu (sic). Corações cheios de medo do polícia que surgiu. Se cismar em sair à noite, já não posso mais. Pelo risco de morrer e não voltar para os meus pais. Minha terra tem horrores que não encontro em outro lugar. A falta de segurança é tão grande, que mal posso relaxar. 'Não permita Deus que eu morra', antes de sair deste lugar. Me leve para um lugar tranquilo, onde canta o sabiá", escreveram os estudantes.



O G1 tentou contato com os alunos, professores e diretor da escola por meio da Secretaria de Estado de Educação. Em resposta, a Seeduc informou que os docentes e estudantes estavam receosos de tratar do tema e não aceitaram os pedidos de entrevista.

A Penha, assim como outros bairros da Zona Norte da cidade, têm traduzido em números os casos de violência. Comparados os meses de fevereiro de 2016 e 2017, os casos de homicídios dolosos – quando se tem a intenção de matar – dobraram, de três para seis casos, de acordo com dados do Instituto de Segurança Pública. Os números de roubos de veículos na área também assustam. Os índices saltaram de 35 casos registrados no ano passado para 79 este ano.”

(Fonte: SATRIANO, Nicolás, G1 RIO, disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/minha-terra-tem-horrores-versao-de-poema-feita-por-alunos-do-rio-causa-comocao-nas-redes-sociais.ghtml> acesso em 30/06/2019)

PROPOSTA DE TRABALHO

A partir da leitura dos textos motivadores e de conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação, produza um texto literário, **do tipo crônica narrativa**, discutindo o seguinte tema: **O sentimento de mal-estar no Brasil contemporâneo: a questão do pertencimento ou não pertencimento à pátria no momento em que vivemos**. Lembre-se que sua crônica deverá ser breve, **mínimo de 15**, trazendo um elemento do seu cotidiano para o desenvolvimento do seu enredo. Use a criatividade, ao fim da atividade selecionaremos algumas crônicas e produziremos um livro.